

A INTANGIBILIDADE DO AMOR

Maria Luiza Macedo de Araujo¹

THE INTANGIBILITY OF LOVE

Resumo: Conferência de abertura do XIII Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, realizado em Londrina, em 2011. O tema Amor é contextualizado em diversas épocas e por diferentes abordagens. Há ênfase nas formulações gregas do tema e também na amplitude que a palavra amor significa para a nossa sociedade. O amor não se restringe ao sentimento entre duas pessoas e é visto numa visão de amor ao próximo e de cuidado com todos os seres vivos. Abordase a literatura e como o poeta manifesta o seu amor.

Palavras-chave: Amor. Intangível. Eros. Paixão. Desejo

Abstract: Opening speech of the XIII Brazilian Congress of Human Sexology, in Londrina in 2011. The subject Love is conceptualized at diverse periods and by different approaches. It also has emphasis in the Greek thought and in the amplitude that the word love means for our society. The love is not restricted to the feeling between two people and is seen in a vision of love to care with all creatures in the world.

Keywords: Love. Intangible. Eros. Passion. Desire

Esta conferência é em homenagem a uma pessoa maravilhosa, amiga, que amou muito. Ela nos deixou prematuramente, mas nos brindou com grandes momentos de reflexão. Quem teve a felicidade de ouvi-la falar, vai se lembrar de sua figura amável, sempre disposta a ajudar e a distribuir afeto em seu olhar e em tudo que fazia. Até seu nome é sinônimo de amor. Maria do Amparo Caridade, de onde você estiver se junte a nós e aceite esta homenagem singela que lhe dedicamos.

Não há nada mais antigo nem mais atual que o amor. É um tema que não se esgota, por mais que seja retomado permanece inacabado, sempre há espaço para que seja discutido, problematizado, independente da época em que vivamos.

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia, Doutora em Filosofia. Atualmente atua no Ambulatório de Sexologia do Hospital Moncorvo Filho em grupo multidisciplinar e é professora convidada da disciplina eletiva de Sexualidade Humana do curso de Medicina da UFRJ. Autora do livro “Sexo e moralidade: o prazer como transgressão ao pensamento católico”. e-mail: luaraujo.rlk@terra.com.br

O amor é o grande intangível. Intangível é aquilo que não se mede concretamente. O amor é sentido. O meu amor pode ser o maior do mundo e ainda assim haverá um amor maior que o meu.

O amor é múltiplo, amo muitas coisas e pessoas ao mesmo tempo e ele não se extingue. Amo idéias, amo ideais, amo alguém pelas qualidades e também amo apesar dos defeitos. Amo uma obra de arte, amo uma canção, amo a obra de Chopin, amo uma poesia, amo a vida, amo meus pais, amo meu filho, amo viver. Meu companheiro é o meu amor.

O amor não garante felicidade. Grandes amores foram marcados pelo sofrimento e, ainda assim, o amor se fortificou, cresceu.

Para falar do amor, eu escolhi como ponto de partida, a idéia de amor. A construção subjetiva do amor, que sempre existiu, embora sua expressão tenha variado de acordo com a época e as culturas. Vou circunscrever minha busca à sociedade judaico-cristã helenizada e, para tanto, começarei pela Grécia, que embasou nossas crenças e valores ao longo do tempo.

Dos gregos, sempre que necessitamos pesquisar nossas raízes, voltamos aos seus pensadores e como concebiam temas que ainda são atuais.

Eros é o deus do amor grego, divindade muito antiga, que se perde no tempo. Diz a antiga cosmogonia órfica que Nix (a noite) gerou um ovo que se partiu. Dele saiu Eros e das duas metades, formaram a terra e o céu. Outra lenda diz que do Caos, dotado de grande energia prolífica, saíram Geia, Tártaros e Eros. Eros dá ordem ao Caos. Eros – o amor, nasceu do Caos, ao mesmo tempo que Géia e Tártaro, mas quem organiza o Caos é Eros.

Géia, em grego Gaia, é a Terra, concebida como elemento primordial e deusa cósmica. Dela nascem todos os seres, porque Géia é mulher e mãe. Suas virtudes básicas são a doçura, a submissão, a firmeza cordata e duradoura, não se podendo omitir a *humildade*, que, etimologicamente, prende-se a *humus*, “terra”, de que o homem foi modelado.

Personificado como o deus do amor, Eros significa o desejo inabalado dos sentidos e o mais belo entre os deuses, aquele que embota o juízo dos deuses e dos homens, mas também é a força fundamental do mundo, pois garante não só a continuação das espécies, mas também a

coesão interna do cosmo. Eros é ainda a união dos opostos. O amor é a pulsão fundamental do ser, a libido, que impele toda existência a se realizar na ação.

Do ponto de vista cósmico, após a explosão do ser em múltiplos seres, o AMOR é a *dýnamis*, a força, a alavanca que canaliza o retorno à unidade; é a reintegração do universo, marcada pela passagem da unidade inconsciente do Caos primitivo à unidade consciente da ordem definitiva.

Do ponto de vista simbólico, o deus do Céu traduz uma proliferação criadora desmedida e indiferenciada, cuja abundância acaba por destruir o que foi gerado.

Para falar do amor, nada melhor que abordar as formulações de Platão. Nele, o tema do amor vem de muito, longe, perde-se no tempo; o que temos são discursos, como no Banquete, que se apresentam heterogêneos e fragmentados, nunca um discurso completo, mas uma série de falas entrecortadas por silêncios, hiatos que levam o leitor a recuar no tempo como lembranças incompletas, inacabadas.² Em suas formulações podemos entrever a estreita ligação entre Logos e Eros para os gregos. Para Platão o amor está ligado à sexualidade num determinado momento, mas a transcende.

Outra consideração relevante é o caráter divino dado ao amor. Eros é uma divindade que inspira a natureza e a humanidade. A civilização judaico-cristã somente irá valorizar o amor não sexual que Platão formula, *philia* (amizade) que estaria numa “hierarquia” mais elevada, ligada à ideia de amor. O cristianismo, inspirado no platonismo, verá uma natureza dualística no homem, composto de corpo e alma. O amor referente ao corpo não será valorizado, porém inevitável para a propagação da espécie, portanto só será aceito o amor sexual dentro do casamento, com a finalidade de reprodução³. Esta forma de pensar exclui todas as manifestações eróticas que não se traduzam no sexo reprodutivo, isto é, exclui o sexo por prazer, não importando com quem ou o que se faça. Esta digressão é necessária para que possamos entender o real significado do amor entre os gregos e o contexto em que é valorizada a homossexualidade em detrimento de relações heterossexuais.

² PESSANHA, J. A. M. Platão: as várias faces do amor. In: **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Funarte, Companhia das Letras, 1990.

³ Santo Agostinho condena qualquer tipo de prazer ligado ao sexo, propõe o casamento casto, no qual os cônjuges só se relacionam quando há o desejo de procriação.

No início do relato que Platão faz do Banquete é falado do amor aos rapazes e das vantagens de dois amantes participarem de guerras, pois lutariam com maior bravura a fim de impressionar o amante e, no caso de um se ferir seu amado iria cuidar dele.

Pausânias, um dos participantes da reunião, diz que é preciso fazer uma correção. Não existe apenas um tipo de Amor. O amor está ligado a Afrodite e existem duas Afrodites: uma Urânia, a Celestial (filha de Urano, que foi mutilado por seu filho Zeus, tendo seus testículos caído no mar e do esperma se formou uma espuma que deu origem a Afrodite — Hesíodo, “*Teogonia*”) e outra, mais jovem, filha de Zeus e Dione, também chamada de Pandêmia, a Popular (Homero, “*Iliada*”). “É forçoso então que também o Amor, coadjuvante de uma, se chama corretamente Pandêmio, o Popular e o outro, Urânio, o Celestial”. Eros também aparece como um “dáimon” (força espiritual misteriosa), intermediário entre os deuses e os homens, filho de Recurso e Pobreza, sempre em busca de seu objetivo, como Pobreza, ele sabe imaginar um meio de chegar a seu alvo, como Recurso. Longe de ser um deus poderoso, é uma força sempre insatisfeita e inquieta.

Uma das mais famosas alegorias de Platão, contado por Aristófanes, diz que, no início, eram três os gêneros dos humanos: o masculino, o feminino e o andrógino. Este último era composto de uma parte masculina e uma feminina. Os masculinos eram filhos do sol, os femininos da terra e os andróginos, da lua. Eram constituídos de um corpo roliço, um pescoço, duas cabeças, quatro mãos, quatro pernas. Andavam eretos e se locomoviam em círculos. Quando precisavam correr, viravam cambalhotas e utilizavam os oito membros. Assim, viviam em perfeita harmonia. Porém, desafiaram os deuses e Zeus divide-os ao meio. Cada parte procura a sua metade, mas ao encontrá-la a destrói com seu abraço muito forte. Existe então uma permanente sensação de incompletude. Apolo tenta remediar, virando os genitais para frente, assim, quando o macho encontrar a sua metade fêmea poderá fecundá-la; quando a fêmea encontrar a sua metade fêmea poderá se completar com ela e quando o macho encontrar sua outra parte masculina poderia ter inteira satisfação e sensação de completude. **O amor é a eterna procura da parte que a completa**, porém a união mais perfeita é a de dois homens que se amam e vivem juntos por toda a vida (talvez por serem filhos do sol, que está no alto, podem desenvolver por completo suas virtudes). Assim o amor é a eterna procura da parte que nos falta.

Os discursos se sucedem até que Sócrates fala do amor como a ideia mais sublime que se refere à *philia* (amizade) que estaria numa “hierarquia” mais elevada, ligada à ideia de amor. O Eros platônico está ligado ao desenvolvimento do autocontrole (austeridade e continência). O homem temperante (senhor de si) é o oposto do homem escravo dos prazeres.

Em torno desse tema, autores de cosmogonias, poetas e filósofos tem feito numerosas especulações. Para Hesíodo o amor seria uma divindade primordial. Parmênides o concebe como filho de dois princípios contrários Luz e Noite – equilíbrio mesclado de diferenças, antagônicos e indispensáveis um ao outro.

Eros, dotado de asas de ouro, como foi representado, passa a ser descrito como um menino travesso quando passa para as formulações romanas, portando flechas e asas, que a todos atinge com as suas setas e passa a ser Cupido, filho de Afrodite e Hermes (Mercúrio).

Apuleio, poeta romano do século II criou a história de Eros (Amor) e Psiché (Alma), o encontro do princípio universal que rege o mundo. Psiché era uma jovem linda e vinham pessoas de todos os lugares para admirá-la. O templo de Afrodite já não tinha mais a mesma frequência de antes. Afrodite então pede a seu filho Eros que se transforme em um monstro e acerte sua fecha em Psiché, mas ele se apaixona por ela. Passam por muitas atribulações e hostilidade de Afrodite, até que Eros pede ajuda a Apolo que intercede a Zeus e ele oferece a taça de ambrosia a Psiché e ela se torna imortal e Eros sobe ao Olimpo com Psiché. Eros e Psiché geram Volúpia, Jovem lânguida e sensual que personifica o prazer, sob todas as formas.

A cultura judaico-cristã

A bíblia ensina que o amor de Deus é incondicional, uma dádiva concedida por um pai amoroso. O amor é uma expressão de afeto à humanidade, conceito desconhecido pelos deuses pagãos, que tinham sentimentos e paixões quase humanas, com feitos mágicos extraordinários.

Mas existe o amor heterossexual no Antigo Testamento, sensual e romântico de Salomão que escreve versos à sua amada: “Esse teu porte é semelhante à palmeira,

E os teus seios a seus cachos.
Dizia eu; subirei à palmeira, pegarei em seis ramos.
Sejam os teus seios como os cachos da vide,
e o aroma da tua respiração como o das maçãs.
Os teus beijos são como o bom vinho,
Vinho que escoa suavemente para o meu amado,
deslizando entre seus lábios e dentes...”(Can VI: 7-10)

Já no Novo Testamento o amor (em grego ágape) se torna a expressão de amor ao próximo (caridade em algumas traduções). São Paulo escreve:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montanhas, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres, se não tiver amor, nada disso me aproveitará. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, desses três; porém o maior destes é o amor. (I Cor13: 2, 3,4)

Amores célebres:

Abelardo e Heloisa

Alguns amores ficaram célebres na história. Dentre os mais famosos amores, escolhi a história de Abelardo e Heloísa, por representarem muito bem a visão do amor na Idade Média e a grande transgressão cometida por amar apaixonadamente. No século XII, Pedro Abelardo, filósofo e professor famoso, lecionava em Paris. Era tão bom com as palavras que vinham estudantes de todas as partes para aprender com ele. Naquela época os professores faziam voto de celibato. Eis que chega a Paris uma jovem de 16 anos, muito bonita e inteligente. Ela era sobrinha do cônego Fulbert. Sua inteligência e sagacidade atraíram Abelardo que se prontificou a dar aulas a ela, e depois foi morar num quarto na casa do cônego. A atração que sentiram à primeira vista se transformou em paixão fulminante. Juntos, na mesma casa e com privacidade, fizeram amor e Heloisa engravidou. Ele quis se casar com ela, mas Heloisa argumentou que um casamento destruiria a carreira de Abelardo. Quando o tio soube ficou furioso, porque não poderia oferecer a sobrinha em casamento a algum nobre rico. Abelardo, então a levou para a casa de sua irmã, distante de Paris e eles se casaram em segredo. Ao voltar, foi castrado a mando de Fulbert. Ele se desesperou. Heloisa queria ficar com ele, pois seu amor transcendia o sexo. Ele recusou, depois do nascimento do filho, enviou-a para o convento de Argenteuil. Tornou-se religioso e fundou uma escola convento ao lado do convento em que Heloisa vivia. O amor dos dois se manteve pela vida toda, mas era um amor reprimido, sem expressão física. Ele morreu 20 anos antes dela e ela pediu que quando morresse fosse enterrada a seu lado.

Romeu e Julieta

Na ficção, Shakespeare eternizou o amor de dois jovens que se amaram mais que as convenções sociais. Foi o amor paixão, impossível, com desfecho trágico e ainda é o símbolo do amor que quebra todas as barreiras e sobrevive eternamente.

O amor atual

O amor é amplo e não se restringe ao romance ou ao desejo sexual. O amor também é amor à natureza, mantendo o meio ambiente em condições de proporcionar equilíbrio entre as espécies. Mas além de tudo amar também é amar a quem precisa, e um dos exemplos que se poderia dar é o médico (Patch Adams) que se vestia de palhaço para divertir as crianças doentes e elas melhoravam muito. Foi seguido pelo mundo todo e temos os “doutores da alegria” e inúmeros jovens que abraçaram essa causa e se dedicam a divertir agora não só crianças, mas também idosos. Por amor ao próximo nos unimos e procuramos ajudar a quem precisa.

O amor é geração de vida. Mães e pais dedicam um amor incondicional a seus filhos. Carinho e ternura também são sentimentos que estão aliados ao amor.

O amor não tem idade. Desde pequenos podemos nos afeiçoar a colegas e amigos, na adolescência sentimos arroubos de paixão, descobrimos os mistérios do sexo e o amor pode continuar na fase adulta, amamos na maturidade e envelhecemos amando.

O amor é a consolidação da paixão, é a força que une duas pessoas, não importando o sexo biológico. Simplesmente se ama!

Mas o amor também é fonte de inspiração de poetas. Dentre vários poetas que escreveram sobre o amor, destaco Vinicius de Moraes, no Soneto do Amor Total:

Amo-te tanto meu amor...não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como um amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, de um calmo amor prestante
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante

Amo-te como um bicho, simplesmente
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.
E de te amar assim, muito e amiúde
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

A literatura, o cancionero popular, os meios de comunicação não se cansam de falar do amor em todas as suas nuances, em todas as suas formas, mas ainda trazemos o amor grego, Eros, inquieto, carente, que procura a sua parte que o completa, que transcende o sexo e nos invade com esse sentimento maravilhoso que se torna o verbo AMAR.

Bibliografia consultada

ACKERMAN, D. **Uma história natural do amor**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.

ARAÚJO, M. L. M. A construção histórica da sexualidade. In: RIBEIRO, M. (org.) **O prazer e o pensar**. Vol.1. São Paulo: ed. Gente, 1999.

_____. **Sexo e moralidade: o prazer como transgressão ao pensamento católico**. Londrina: UEL, 1997.

_____. Sexualidade num contexto histórico. In: SERAPIÃO, J. J. e CANELLA, P. R. B. **Sexualidade humana: noções básicas para profissionais de saúde**. Rio de Janeiro: Instituto de Ginecologia da UFRJ, 2011.

BROWN, P. **Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

BASTOS, F. J. M.. **Panorama das ideias estéticas no ocidente**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1981.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

PESSANHA, J. A. M. Platão: as várias faces do amor. In: **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Funarte, Companhia das Letras, 1990.

PLATÃO. **O Banquete in Platão: Diálogos, Os Pensadores**, vol. III. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

TANNAHILL, R. **O sexo na história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.